

Maternidade atípica: o autorrelato como dispositivo formativo de si enquanto mãe de uma criança autista

Adeliana Eugênia Caixeta

Juliana Eugênia Caixeta

RESUMO

A maternidade atípica constitui-se uma experiência única e específica para as mulheres que a vivem em condições incomuns, vinculadas ao nascimento de crianças com doenças raras, deficiências e/ou transtornos. Nesta pesquisa, analisamos o autorrelato de Lia, mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista, com vistas a compreender o processo de constituir-se mãe de uma criança autista, uma vez que a maternidade é um processo de aprendizagem, desenvolvido nos contextos sociais nos quais a mãe se situa e interage. O autorrelato é um tipo de delineamento da pesquisa narrativa, que tem sido utilizado para investigar fenômenos de constituição identitária por seu caráter formativo e respeitoso, ao dar voz e vez à pessoa que vive o fenômeno de interesse das pesquisadoras e pesquisadores. Por isso, a construção das informações foi feita por meio de um autorrelato. Lia foi convidada e dispôs-se a escrever um autorrelato sobre a experiência da maternidade atípica. Para isso, foi informada de que poderia redigir o texto da maneira que preferisse, sem limitações de tempo, número de linhas ou palavras. De posse do autorrelato, desenvolvemos uma Análise Textual Discursiva, que possibilita a geração de um metatexto, que é um texto autoral, no qual as pesquisadoras puderam tecer a interpretação da interpretação dos significados da maternidade atípica. Os resultados evidenciaram que, no autorrelato, Lia tece sentidos sobre o seu processo de tornar-se mãe atípica, desde o luto até a luta e destaca que a vivência da maternagem foi essencial para a constituição de si como mãe. A maternagem foi compreendida como uma conexão emocional profunda, significativa e comprometida com o desenvolvimento do filho e de si mesma. Reconhece a rede familiar e de profissionais especialistas como um diferencial no seu processo de aprendizagem sobre o TEA.

Palavras-chave: Maternidade atípica, Autorrelato, Maternagem, Transtorno do Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

A maternidade atípica se refere às experiências de mães cujos filhos e/ou filhas não se enquadram nos padrões sociais esperados para uma sociedade capitalista e neoliberal (Mantoan, 2003). Maia e Muner (2024, p.13) definem maternidade atípica como “as mães cuidadoras de pessoas com deficiência ou doenças raras”.

Nesta pesquisa, analisamos o autorrelato de Lia, mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista, com vistas a compreender o processo de constituir-se mãe de uma criança autista, uma vez que a maternidade é um processo de aprendizagem, desenvolvido nos contextos sociais nos quais a mãe se situa e interage (Maia; Muner, 2024; Viana; Benicasa, 2023).

REFERENCIAL TEÓRICO

Viana e Benicasa (2023) definem a maternidade atípica como aquela que envolve mães que possuem filhos com desenvolvimento atípico. O conceito desenvolvimento atípico foi criado por Vigotski (1995) para denominar o desenvolvimento de pessoas que apresentam deficiência e/ou transtorno.

Magalhães e Dias (2005) discutem que a família que possui um filho ou uma filha com deficiência e/ou transtorno é estigmatizada tanto quanto a própria pessoa que possui a deficiência e/ou o transtorno. No processo de aprendizagem social, a pessoa e a família lidam com as crenças da sociedade sobre o que significa ser uma pessoa com deficiência e/ou transtorno e os estigmas associados a essas condições de existência.

Nesse cenário, Viana e Benicasa (2023) destacam a importância da representatividade das mães atípicas para problematizar estigmas, preconceitos e discriminações. As mães atípicas têm relevante atuação para o processo de inclusão de si mesmas e de seus filhos/suas filhas nos diferentes espaços sociais aos quais têm direito de ser, estar e atuar, com as marcações de suas diferenças como parte essencial do nosso tecido social. As autoras ressaltam que essas mães lutam não apenas pelos direitos de seus filhos/suas filhas, mas também por políticas públicas que atendam às suas demandas específicas.

Segundo Viana e Benicasa (2023), a chegada de uma criança com desenvolvimento atípico exige uma reorganização significativa dos cuidadores e das cuidadoras, especialmente das mães. Muitas vezes, essas mães precisam abdicar de suas carreiras e do autocuidado para enfrentar os desafios diários que cada criança atípica requer.

Além disso, a maternidade atípica inclui a promoção de uma conexão emocional intensificada, com um forte comprometimento com o desenvolvimento dos filhos/das filhas. Viana e Benicasa (2023) explicam que o estabelecimento de um vínculo afetivo robusto entre a mãe e a criança é crucial para a qualidade da existência física, social e psicológica da criança. Esse vínculo é frequentemente reforçado pela dedicação e o cuidado contínuos da mãe.

Para desempenhar adequadamente essa atuação, as mães atípicas necessitam de uma robusta rede de apoio familiar, financeiro e profissional. Elas se tornam aprendizes contínuas sobre as condições dos filhos /das filhas e atuam como defensoras dos direitos deles/delas. Conforme observado por Viana e Benicasa (2023), o ativismo na maternidade atípica é uma característica marcante, onde as mães defendem os direitos das crianças

atípicas, promovem a inclusão e disseminam conhecimento por meio de redes sociais e outros.

É crucial que essas mães desconstruam a imagem idealizada da maternidade e criem uma nova identidade materna que esteja alinhada às necessidades específicas de seus filhos/suas filhas. Viana e Benicasa (2023) enfatizam a importância de entender e acolher as demandas sociais dessas mães, reconhecendo e validando uma experiência de maternidade que difere da tradicional. Elas argumentam que essa forma de maternidade merece ser nomeada e estudada de forma aprofundada no campo científico.

De acordo com Jang, Han, Bang e Ahn (2022), mães de filhos/filhas com transtornos do neurodesenvolvimento apresentam maiores índices de depressão, enfrentam maiores dificuldades na comunicação com os seus filhos/suas filhas e na expressão de suas emoções, além de encontrarem desafios em desempenhar as funções maternas, como auxiliar os filhos/as filhas no desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação, em comparação com mães de filhos e filhas com desenvolvimento típico.

Ao refinar os estudos sobre mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista - TEA, Smeha e Cezar (2011) destacam que a confirmação do diagnóstico é um momento crucial para a família, especialmente para a mãe. Esse momento é acompanhado por uma gama de sentimentos contraditórios que podem fragilizar a experiência da maternidade. As mães, geralmente, percebem algo diferente no comportamento dos filhos/das filhas antes mesmo do diagnóstico, o que as levam a buscar uma confirmação sobre o que está ocorrendo. Estudos, tais como os de Núñez (2007) e Welter *et al.* (2008), citados em Smeha e Cezar (2011), indicam que a revelação das limitações do filho/ da filha gera sentimentos como ansiedade, desilusão, preocupação, tristeza, incerteza, inconformismo e culpa.

Sobre essa temática, Magalhães e Dias (2005) ressaltam que é comum o anúncio do diagnóstico de forma estigmatizada, a partir do que a criança não é capaz de fazer ou que médicos e médicas acreditam que ela não é capaz de aprender. Nesse sentido, Vigotski (1995) foi claro ao defender que a deficiência é um problema predominantemente social. As deficiências orgânicas são sintomas primários, mas as limitações são imposições socialmente construídas em relação às pessoas com deficiência e/ou transtornos e suas famílias.

Nesse contexto, a maternidade atípica implica o enfrentamento dos sintomas primários relacionados às doenças, condições e/ou transtornos de seus filhos e suas filhas;

mas, principalmente, aos estigmas socialmente desenvolvidos e que são barreiras para o desenvolvimento dessas crianças e mães.

Cada mãe vivencia os enfrentamentos de maneira única, mas existem similaridades, como a angústia ao perceber o contraste entre o filho/a filha idealizado/idealizada e o filho/a filha real. Nesse processo, a maternagem aparece como um vínculo de cuidado e apoio ao filho/à filha com deficiência e/ou transtorno, tornando a maternidade atípica uma experiência única, na qual o desenvolvimento da maternagem é fator de proteção para o processo de desenvolvimento da criança e, também, para a mãe (Böing; Crepaldi, 2004; Viana e Benicasa, 2023).

METODOLOGIA

A metodologia foi qualitativa, com delineamento de pesquisa narrativa (Yin, 2016), por meio do autorrelato como principal técnica de construção de dados.

O autorrelato é uma abordagem narrativa que permitiu a participante descrever as suas próprias experiências de forma livre e pessoal, oferecendo uma visão profunda e subjetiva sobre os fenômenos estudados. Por experiência, entendemos aquilo que é importante para nós, no ato narrativo (Bondía, 2002).

A participante deste estudo foi Lia, mãe de uma criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Lia foi convidada a participar da pesquisa e aceitou voluntariamente compartilhar a sua experiência por meio de um autorrelato. Ela foi informada de que poderia escrever seu relato de maneira livre, sem restrições de tempo, número de linhas ou palavras, para garantir que a expressão de sua vivência fosse a mais autêntica e completa possível.

Ela foi orientada, também, a detalhar as suas experiências desde o nascimento de seu filho até os desafios e aprendizados enfrentados ao longo da sua maternidade. Esta técnica foi escolhida por seu caráter (Passeggi, 2011) e por dar voz à pessoa que vive o fenômeno, permitindo uma compreensão profunda e respeitosa de sua experiência.

A análise dos dados foi realizada utilizando a Análise Textual Discursiva (ATD). Esta abordagem permite a geração de um metatexto, onde as pesquisadoras interpretam os significados e sentidos expressos no autorrelato. A ATD facilita a identificação de categorias analíticas e a sistematização dos achados empíricos, possibilitando uma compreensão ampla dos processos de constituição identitária e da vivência da maternidade atípica.

Este estudo foi conduzido em conformidade com as diretrizes éticas para pesquisas. A participante foi informada sobre o objetivo da pesquisa e seu consentimento foi obtido antes da construção dos dados. Para formalizar sua participação voluntária, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, sendo uma via entregue à participante e a outra mantida pelas pesquisadoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O autorrelato de Lia revela que a vivência da maternidade atípica é marcada por transformações pessoais e por uma combinação de dores profundas e alegrias significativas. A principal dor relatada por Lia é a dificuldade de ver seu filho não compreendido e respeitado pela sociedade, além de não ter a suas necessidades específica atendidas e respeitadas. O autorrelato de Lia concretiza significados afins aos pressupostos construídos por Vigotski (1995) e, também, aos resultados das pesquisas de Magalhães e Dias (2005), Böing; Crepaldi (2004), Viana e Benicasa (2023) e Jang, Han, Bang e Ahn (2022). De um lado, temos as limitações sociais dificultando o processo inclusivo do filho e seu próprio desenvolvimento como mãe. Por outro, temos o desenvolvimento da maternagem como fator de proteção e, também, de luta pelos cuidados e apoio do seu filho Autista.

Lia relatou que essa dor é aumentada pela falta de apoio profissional qualificado, pelo julgamento social, frequentemente vindo de pessoas próximas, e pela dificuldade financeira em atender a todas as necessidades específicas do filho que desejaria prover.

Por outro lado, as alegrias são encontradas na conexão emocional que Lia tem com seu filho e nas conquistas diárias que ele alcança (Böing; Crepaldi, 2004; Viana; Benicasa, 2023; Jang *et al.*, 2022). Lia expressou ser realizada e feliz como mãe, mesmo com todos os desafios apontados por ela. No entanto, para alcançar essa compreensão e aceitação, Lia percorreu um caminho de desconstrução da sua conceituação de maternidade (Magalhães; Dias, 2005). Foi essencial que ela entendesse que a única comparação válida para o seu filho era com ele mesmo e não com outras crianças. Assim, essa dualidade de sentimentos ilustra bem a complexidade da maternidade atípica e nos trouxe evidências da transformação pessoal que Lia experimentou ao longo dos anos.

A seguir, apresentamos as categorias analíticas que deram origem ao metatexto discutido apresentado nos parágrafos anteriores desta seção. As duas categorias são:

- i) Dores da Maternidade Atípica, com as subcategorias: a) desconstrução da maternidade idealizada; b) diagnóstico do filho; c) medo do futuro; d) desafios de compreensão e

comunicação; e) falta de apoio profissional qualificado; f) estereótipos e crises e g) julgamentos e falta de compreensão social.

- ii) Alegrias da Maternidade Atípica, com as subcategorias: a) amor e conexão; b) evoluções e aprendizados; c) transformação pessoal e d) autorrelato como dispositivo formativo.

Categoria 1 - Dores da Maternidade Atípica

Composta por sete subcategorias, ela aborda os significados relacionados às dores de Lia em relação à experiência da Maternidade Atípica.

a) Desconstrução da Maternidade idealizada: Para Lia, a desconstrução da maternidade idealizada foi uma jornada essencial para compreender e aceitar a sua própria experiência materna. Inicialmente, ela se deparou com expectativas românticas da maternidade como um único caminho a ser percorrido. No entanto, a realidade revelou uma experiência mais complexa, com desafios, estresses, momentos de exaustão e desespero. Esse contraste entre a visão idealizada e a realidade cotidiana de Lia a fez sentir deprimida. Escreveu: *“O dia que eu vi a minha maternidade idealizada se desmanchando em dor, em desesperança, em lágrimas, em medo...”* (Trecho do Autorrelato de Lia).

Com o tempo e com o diagnóstico de autismo do filho, Lia aprendeu a aceitar que a maternidade não segue um padrão único e perfeito. Reconheceu que valorizar as suas próprias experiências, com seus altos e baixos, a permitiu encontrar e seguir na sua realidade do seu dia a dia. Escreveu: *“Naquela época, era muito difícil, eu tinha muitos medos, uma percepção social negativa sobre o que era diferente do padrão social, mas sentia e sinto um imenso amor pelo meu filho... E a partir desse amor intenso e realmente incondicional fui mudando a forma de enxergar e vivenciar esse diagnóstico. Com o tempo, a cada dia, a cada terapia, reunião de escola, dificuldades, choros, evoluções e sorrisos, fui me modificando, deixando de ser quem eu era para ser a mãe que Cauã precisava que eu fosse. Isso mesmo, precisei mudar a minha essência como pessoa, me transformei em quem eu nunca imaginei que conseguiria ser, uma mãe carinhosa e que tenta se esforçar ao máximo para ter a paciência, o respeito e a compreensão que o meu filho precisa e merece.”* (Trecho do Autorrelato de Lia).

b) Diagnóstico do filho: O diagnóstico de autismo do filho de Lia trouxe uma dor profunda e complexa para ela, desafiando suas expectativas sobre o futuro. Inicialmente, ela sentiu um choque intenso, tristeza e medo ao se deparar com uma realidade que não conhecia. A dor se intensificou pela percepção das diferenças no desenvolvimento entre

uma criança neurotípica e seu filho, o que gerou um luto pelas expectativas não realizadas e uma angústia adicional pela necessidade de adaptações para o seu filho.

Lia havia idealizado um futuro em que seu filho se destacaria em diversas áreas, mas se viu diante da necessidade de implementar adaptações e acompanhamentos terapêuticos necessários. Chegou a pensar e lamentar: "*Meu filho não é bom em nada. É ruim em tudo que faz*" (Trecho do Autorrelato de Lia).

Em seu autorrelato, fica evidente que esse processo foi acompanhado também por sentimento de culpa, autoquestionamento, negação e impotência. Contudo, a dor inicial, eventualmente, se transformou em algo novo, em uma força motivadora, levando Lia a buscar apoio e estratégias adequadas para proporcionar o melhor ambiente possível para o desenvolvimento de seu filho.

c) Medo pelo Futuro: Lia expressou uma preocupação constante com o futuro de seu filho, especialmente em relação às dificuldades que ele possa enfrentar devido ao autismo. Ela teme não estar presente para cuidar dele e se preocupa com a maneira como ele se adaptará à vida, ao trabalho... se terá dificuldades em manter um emprego, cuidar de si mesmo e realizar seus cuidados pessoais. Escreveu: "*Com a maternidade atípica, as mães perdem até o direito de morrer em paz. Eu fico sempre preocupada, pensando no que fazer para prepará-lo para a vida.*" (Trecho do Autorrelato de Lia).

Além da angústia que sente com as condições de vida que o seu filho precisará para viver bem e ser feliz, teme que ele possa não encontrar o apoio necessário de outras pessoas, principalmente na sua ausência, para alcançar uma qualidade de vida satisfatória. Relata também temer pela saúde do filho, devido a sua seletividade alimentar e dificuldade em experimentar novos alimentos.

d) Desafios de Compreensão e Comunicação: Lia relatou a dificuldade em manter uma conversa com o seu filho, que, na maioria das vezes, não quer conversar e por isso não responde de maneira consistente. Ela descreve a luta diária para conseguir informações dele, o que ela enfatiza ser um processo cansativo e desanimador. Além disso, compreender o que seu filho está sentindo é um grande desafio, já que ele, muitas vezes, não expressa suas emoções de forma verbal, necessitando de uma observação minuciosa. Essa barreira na comunicação gera um sentimento de impotência em Lia, por ela perceber que não consegue atender as necessidades emocionais do filho, além de aumentar a preocupação com o bem-estar dele, uma vez que ele não conta os acontecimentos quando não está na sua presença. Por exemplo, Lia contou que o filho pouco fala sobre os eventos que acontecessem na escola. Escreveu: "*Dói muito quando*

ele sofre bullying, quando é isolado e quando percebe que é diferente das outras crianças, mas não consegue verbalizar essa dor que sente...Dói ter que analisá-lo constantemente para compreender de forma mais assertiva possível o que ele está sentindo e passando. Dói não conseguir manter uma conversa mais prolongada com meu filho e muitas vezes não conseguir compreendê-lo." (Trecho do Autorrelato de Lia).

e) Falta de Apoio Profissional Qualificado: Lia mencionou a escassez de profissionais qualificados em diversos ambientes, como escolas, clínicas terapêuticas, hospitais e locais de lazer, o que agrava os desafios diários da sua maternidade.

Nas escolas, a falta de professoras/es, coordenadoras/es e auxiliares treinadas/os em lidar com crianças autistas resulta em um processo educacional inadequado, com a falta de suporte necessário para seu filho. Ela narrou experiências fundadas no capacitismo, que é a discriminação vivida por pessoas com desenvolvimento atípico. Escreveu: *"Tenho trauma de reuniões escolares. Até hoje, não houve uma única reunião em que eu saísse com o coração aliviado, é extremamente difícil. Ouvir de uma coordenadora que, na sala considerada a melhor turma para o meu filho, não há nenhuma criança que possa ser amiga dele porque ninguém seria compatível, é devastador."* (Trecho do Autorrelato de Lia).

Nas clínicas terapêuticas, a experiência que Lia teve com terapeutas ruins ao longo dos últimos 8 anos, gerou insegurança e medo. Ela se preocupa muito com a qualidade do tratamento que seu filho está recebendo. E isso faz com que ela questione constantemente se as profissionais são as adequadas e se estão fazendo o suficiente para ajudar o seu filho. Nos hospitais, a falta de compreensão e preparo dos/as profissionais de saúde para atender crianças com autismo aumenta a dificuldade de receber um cuidado adequado. O filho de Lia quebrou o dedo do pé, mas o médico não conseguiu recolocar o dedo no lugar porque não sabia como lidar com a crise da criança naquele momento. Até mesmo em ambientes de lazer, a ausência de monitores/as e instrutores/as capacitados/as dificulta que seu filho participe plenamente das atividades, por falta de uma mediação adequada. Essa falta de suporte especializado em múltiplos contextos dificulta a criação de uma rede de apoio consistente, tornando a experiência da maternidade ainda mais desafiadora e solitária para Lia.

f) Estereotípias e Crises: A presença de estereotípias e crises no comportamento do filho de Lia é uma fonte de dor e preocupação contínua para Lia. As estereotípias, que são movimentos repetitivos ou padrões de comportamento comuns em crianças com autismo (APA, 2014), podem ser desafiadoras e desgastantes, principalmente para a mãe.

Lia relatou que, quando o seu filho era menor, tentava impedir que o filho fizesse as estereotípias em público e disse ter consciência que esse comportamento pode ter internalizado na criança uma vergonha de expressar os seus movimentos repetitivos em público nos dias atuais. Escreveu: *"Eu não permitia que ele expressasse suas estereotípias em público, sentia vergonha e medo de que as outras crianças zombassem dele. Hoje, penso diferente e sei o quanto é importante para ele se expressar, mas agora, é ele quem se sente envergonhado, e essa culpa eu carrego comigo."* (Trecho do Autorrelato de Lia). Em relação às crises, ela escreveu que, durante a crise, o comportamento do filho pode se manter por muitas horas e que é difícil de controlar, o que causa estresse e ansiedade. Lia expressa que se preocupa constantemente com o bem-estar do filho durante esses episódios e com a capacidade de ele e ela lidarem com essas situações. Essas experiências contribuem para o sentimento de impotência e a necessidade incessante de encontrar estratégias eficazes para ajudar seu filho a manejar suas emoções e comportamentos.

g) Julgamentos e Falta de Compreensão Social: Lia destacou sofrimento causado pelos julgamentos de outras pessoas, incluindo até mesmo amigos e amigas próximos/as, em relação às suas ações e decisões como mãe. Essa falta de compreensão social se manifesta de várias formas, desde comentários críticos sobre suas escolhas de criação e alimentação até a falta de empatia em relação às dificuldades específicas que enfrenta. Escreveu: *"Dói muito ser julgada, apontada e mal compreendida em relação às minhas ações e decisões como mãe, muitas vezes por pessoas próximas, amigas até. É extremamente cansativo conviver com isso e falar com essas pessoas"* (Trecho do Autorrelato de Lia).

As palavras de Lia deixou evidente que esse ambiente de julgamento não só afeta seu bem-estar emocional, mas também contribui para um sentimento de isolamento e desamparo.

Categoria 2 - Alegrias da Maternidade Atípica

Composta por sete subcategorias, ela aborda os significados relacionados às alegrias em relação à experiência da Maternidade Atípica.

a) Amor e Conexão: Lia enfatizou o amor imenso e incondicional que sente pelo filho, um amor que permeia todos os aspectos de sua vida. Para ela, o filho é uma fonte constante de alegria e aprendizado. Ela escreveu que o seu filho traz um brilho para os seus dias com suas piadas espontâneas, seu jeito único de expressar e os momentos preciosos que compartilham. Cada risada, cada interação genuína e cada pequena conquista do filho são fontes de felicidade para Lia. Essa conexão profunda e sincera

fortalece seu vínculo e proporciona um sentimento de realização que transcende as dificuldades e desafios diários. A presença do filho reafirma a importância do amor e da dedicação no seu papel de mãe. Escreveu: *“Se me perguntar quais são as minhas alegrias na maternidade, direi que amo ser mãe do Cauã e que não poderia ter outro filho melhor que ele para mim. Direi que me sinto feliz com a presença do meu filho... Direi que ele me faz feliz do jeito que ele é.”* (Trecho do Autorrelato de Lia).

b) Evoluções e Aprendizados: Para Lia, cada evolução e aprendizado do filho é um motivo de alegria. Cada conquista, por menor que seja, é um testemunho do desenvolvimento contínuo do filho e gera uma onda de orgulho e satisfação para Lia. Ela vê essas etapas não apenas como marcos no caminho do desenvolvimento, mas como momentos que refletem o esforço e a dedicação compartilhados por ele, pela equipe terapêutica, professora e pela família. Esses momentos não só reforçam seu amor e comprometimento com o filho, mas também a inspira a continuar buscando e incentivando novas oportunidades de aprendizado para ele. Escreveu: *“Sempre penso: se é difícil para mim, imagina para ele... Então, percebo e vejo o quanto ele se esforça todos os dias. Não se trata apenas de um desenvolvimento acadêmico desafiador, mas também sensorial, social, psicológico e biológico. Meu filho me enche de orgulho pelos desafios que enfrenta diariamente, e sou profundamente grata a todos que contribuem para esse desenvolvimento lindo e contínuo.”* (Trecho do Autorrelato de Lia).

c) Transformação Pessoal: Segundo Lia, a experiência da maternidade atípica a transformou de maneira profunda, conforme as vivências e o seu processo de aceitação do diagnóstico do filho foram acontecendo. Ela reconhece que essa jornada única a desafiou a mudar e se adaptar de formas que nunca imaginara. A maternidade, com todas as suas complexidades e exigências, a ensinou a valorizar as conquistas diárias, cada uma delas, representando um passo significativo no caminho do desenvolvimento e da superação. Lia descobriu uma nova forma de ser mãe e encarar os desafios do dia-a-dia. A empatia que desenvolveu, tanto por seu filho quanto por outras pessoas neurodivergentes e, também, pelas mães e pais que enfrentam situações semelhantes, ampliou sua compreensão de humanidade e fortaleceu suas conexões interpessoais. Por meio dessa jornada, Lia não só se tornou mais consciente de suas próprias forças e capacidades, mas também aprendeu a encontrar beleza e significado nas nuances da vida cotidiana. Escreveu: *“Essa jornada materna me fez perceber a força que eu tenho dentro de mim, uma força que eu desconhecia antes de me tornar mãe. A maternidade atípica,*

com todas as suas complexidades, me fez crescer e me encontrar de maneiras que nunca imaginei...” (Trecho do Autorrelato de Lia).

d) Autorrelato como dispositivo formativo: Lia, ao final e na entrega do autorrelato, enfatizou que a experiência de escrever sobre sua história foi um importante momento de construção de si enquanto mãe, apesar de não ter sido fácil. Ela se impressionou: *“Engraçado, né?! A gente imagina escrever a nossa experiência, ela é fácil. Ela não é fácil, porque faz a gente reviver muitas emoções, muitos momentos, né?! Então, não é fácil. É desafiadora, né!”* (Trecho de áudio enviado à pesquisadora 2).

Lia relatou que escreveu o Autorrelato diversas vezes. Ela escreveu a primeira versão. Leu e decidiu revisar o texto. A cada vez em que escrevia, novas lembranças surgiam e, também, a vontade de escrever episódios específicos da trajetória dela com o filho.

O Autorrelato constituiu-se uma técnica de pesquisa que gerou autorreflexão e engajamento de Lia na compreensão de sua própria experiência como Mãe Atípica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência da maternidade atípica, conforme evidenciado no autorrelato de Lia, revela uma experiência complexa e multifacetada que engloba desafios significativos e, simultaneamente, momentos de transformação pessoal. A análise detalhada do autorrelato de Lia proporciona uma compreensão enriquecida das experiências vivenciadas, iluminando a necessidade de apoio social e profissional direcionado às mães que enfrentam os desafios com seus filhos e filhas atípicos/as.

O autorrelato evidenciou o potencial dessa técnica para investigar a Maternidade Atípica pelo fato de ela abrir possibilidade de dar voz às mães em ambientes de segurança, uma vez que elas escrevem o que desejam, quando desejam e quantas vezes desejam. Trata-se de uma atividade de autorreflexão de si ao mesmo tempo em que desloca a mãe no sentido de comunicar para outra pessoa, neste caso, as pesquisadoras, suas experiências.

No Autorrelato da Lia, verificamos que a técnica do autorrelato permitiu que ela escrevesse as dificuldades e barreiras enfrentadas por ela, mas também as alegrias da Maternidade Atípica, pela possibilidade contínua de aprendizagem e desenvolvimento. Trata-se de uma técnica de Pesquisa Narrativa eficaz para a promoção da autorreflexão e das escolhas do que narrar sobre si.

Este estudo oferece percepções que podem influenciar significativamente a formulação de políticas e práticas mais eficazes para apoiar famílias que enfrentam a

maternidade atípica. A partir das experiências de Lia, fica evidente a necessidade de desenvolver abordagens personalizadas que integrem suporte financeiro adequado, formação e acesso a profissionais qualificados/as e recursos especializados, além de uma rede de apoio inclusiva e acessível.

A implementação de iniciativas de sensibilização e treinamento pode criar um ambiente mais empático e compreensivo, garantindo que as famílias tenham oportunidades equitativas e uma rede de suporte para os seus filhos e suas filhas. Dessa forma, o estudo contribui com percepções que podem gerar compromissos sociais em políticas públicas de Acolhimento a Famílias e Mães Atípicas.

REFERÊNCIAS

- BÖING, E.; CREPALDI, M.A. Os efeitos do abandono para o desenvolvimento psicológico de bebês e a Maternagem como fator de proteção. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.21, n.3, p.211-226, setembro/dezembro 2004.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, p. 20-28, 2002.
- JANG, S. J.; HAN, J. S.; BANG, M. H.; AHN, J. W. Efeitos de um programa de aprimoramento da comunicação baseado em sociodrama nas mães de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento: um estudo piloto. *Asian Nursing Research*, 16, n.2, p. 114-123. <https://doi.org/10.1016/j.anr.2022.03.005>, 2022.
- MAGALHÃES, R. de C. B. P.; DIAS, A.M.I. Identidade e Estigma no contexto da escola inclusiva: uma leitura a partir de Erving Goffman. GT 15: Educação Especial. Anais. Congresso Nacional da ANPED, 2005.
- MAIA, G.B.; MUNER, L.C. Maternidade atípica: o estresse das mães cuidadoras de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. *Revista Cathedral*, v. 6, n. 2, p.12-27, 2024. Disponível em: . Acessado em 05.07.2024.
- MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.
- PASSEGGI, M. da C. F. B. S. A experiência em formação. *Educação*, v. 34, n. 2, p. 147-156, 2011.
- VIANA, C. T. DE S.; BENICASA, M. Maternidade Atípica: Termo e Conceito. *Revista Acadêmica online*, v.9, n.46, p. 1-13, 2023. Disponível em: <https://revista-academica-online.webnode.page/news/maternidade-atipica-termo-e-conceito/> . Acessado em 04.07.2024.
- SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 43-50, jan./mar. 2011.
- VIGOTSKI, L. S. *Tratado de Defectologia. Obras Completas*. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1995 (Tomo 5).
- YIN, R. K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.